

REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA, IDENTIDADE INDÍGENA E O JORNALISMO NO MATO GROSSO DO SUL

OTRE, Maria Alice Campagnoli¹

RESUMO

Este artigo discute conceitos como os de identidade indígena, representação midiática e jornalismo no Mato Grosso do Sul, considerando a interferência tanto da política editorial quanto a do jornalista na cobertura dos fatos. Para exemplificar, utilizamos o caso “Acampamento Guaiviry”, que repercutiu internacionalmente devido ao assassinato do líder kaiowa, Nísio Gomes. Diante de uma região em que o preconceito contra os indígenas é muito forte, identificamos interferências que desafiam o discurso dominante e enxergamos a parcialidade como real e presente no caso estudado, chamando a atenção quanto à necessidade de um olhar menos ingênuo em relação à mídia na hora de, como receptores, formularmos nossos julgamentos.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura. Representação midiática. Jornalismo. Mato Grosso do Sul. Acampamento Guaiviry.

ABSTRACT

This article talk about indigenous identity, journalism and media representation in Mato Grosso do Sul, considering the editorial policy and the journalist's interference. To illustrate, we use the case “Acampamento Guaiviry” that reverberated internationally because of the killing of the leader kaiowa, Nísio Gomes. Faced with a society where prejudice against indigenous people is very strong, we identify interference that challenge the dominant discourse and see the partiality as real and present in this case, drawing attention on the need for a look less naive about the media when we formulate our judgments as receivers.

KEYWORDS

Culture. Media representation. Journalism. Mato Grosso do Sul. Acampamento Guaiviry.

INTRODUÇÃO

Os indígenas brasileiros - e especialmente os de Mato Grosso do Sul - como minoria étnica e ocupando as margens da sociedade atual sofrem há muito tempo as consequências do choque cultural nesta configuração urbano-industrial. Primeiro as doenças, as dizimações por guerra, a domesticação, a catequese. Depois, os embates no plano ideológico e simbólico se sobressaem e isso é muito mais perceptível em locais onde se convive cotidianamente com essas populações.

¹ Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e docente da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP/Marília. E-mail: mariaalice@faip.edu.br

A relação entre a população sul-mato-grossense não-indígena (formada por gaúchos, japoneses, mineiros, paulistas, cariocas etc) e os indígenas (Guarani-kaiowa, Guaraninhandeva, Terena, Kadiueu, Kinikinao, Guató, Kamba, Laiana e Ofaié – Xavante) é conflituosa.

De forma a discutir essa relação que se reflete na imprensa do Estado, ilustraremos um caso ocorrido em 2011, com repercussão nacional e internacional, que foi a invasão por pistoleiros do acampamento Tekoha Guaiviry, em Amambai, o que culminou, conforme a denúncia por parte dos indígenas, com o assassinato de seu líder, Nísio Gomes. Curiosamente, a mídia local/regional optou, majoritariamente, pelo silenciamento ou pela exploração político-partidária do tema, ao invés de aproveitar o momento para discutir a questão de maneira aprofundada..

É neste panorama que este texto se propõe a discutir conceitos importantes para a população do estado como representação midiática e identidade indígena, passando ainda por uma reflexão necessária sobre o papel do jornalista e dos veículos de comunicação neste contexto, já que o silenciamento, o agendamento e um olhar mais humanizado sobre a temática interferem, positiva ou negativamente, na forma como os indígenas são vistos pela população. Com alguns exemplos da mídia estadual, traçaremos algumas reflexões.

Para isso, utilizamo-nos de pesquisa bibliográfica e realizamos uma análise quantitativa dos sites de notícias de Aral Moreira, cidade mais próxima do acampamento atacado; e de sites com repercussão estadual como o “Campo Grande News” e o “Midiamax”, nos sete dias que se seguiram ao ocorrido.

Apresentamos também neste texto os comentários gerados pelas notícias divulgadas, que representam a visão da população que está envolta com o conflito.

1. A IDENTIDADE INDÍGENA

De tradição agrária, o Mato Grosso do Sul é berço de muitos fazendeiros e pessoas ligadas ao agronegócio. São basicamente a cana-de-açúcar, a soja e o gado que movimentam a economia, fator suficiente para uma divisão simbólica que aparta os “produtores rurais” e aqueles vistos como os que “não produzem” nem sustentam o estado, ou seja, os indígenas.

No site da FUNAI², encontramos uma observação que se confirma, parcialmente, no MS.

Dominadas política, ideológica e economicamente por elites municipais com fortes interesses nas terras dos índios e em seus recursos ambientais, tais

² Acessado em janeiro de 2012. Disponível em http://www.funai.gov.br/indios/fr_conteudo.htm

como madeira e minérios, muitas vezes as populações rurais necessitam disputar as escassas oportunidades de sobrevivência em sua região com membros de sociedades indígenas que aí vivem. Por isso, utilizam estereótipos, chamando-os de "ladrões", "traíçoeiros", "preguiçosos" e "beberrões", enfim, de tudo que possa desqualificá-los. Procuram justificar, desta forma, todo tipo de ação contra os índios e a invasão de seus territórios. **Já a população urbana, que vive distanciada das áreas indígenas, tende a ter deles uma imagem favorável, embora os veja como algo muito remoto [grifo nosso].**

Aqui o “parcialmente” se justifica, pois, os mesmos conflitos que relacionam populações rurais e indígenas estão presentes junto às populações urbanas no MS, que não os enxergam – em sua maioria – de maneira favorável. Para agravar a situação, na pauta principal dos embates está a briga por terras que para os indígenas significa seu tekoha³ e para os produtores significa capital, propriedade particular e local utilizado para a manutenção de suas famílias e seus costumes. Nesse contexto, os textos falados no dia a dia, assim como os que fazem parte da mídia, deixam claro de que lado estão, salvo poucas exceções: do lado dos que bancam a grande mídia no estado, do lado dos fazendeiros que geram emprego, dos políticos – muitas vezes também fazendeiros – que exercem poder em prol de seus interesses sobre a sociedade e assim por diante.

A região sul do estado de MS, que abarca Dourados e Campo Grande – com grande concentração de indígenas – vivencia fortemente essa realidade. A exceção, apontada acima, ou seja, os que não são contra os indígenas, diz respeito principalmente às universidades que tem a presença de alunos vindos de fora do estado e que trazem uma carga menor de pré-conceitos com relação aos povos indígenas, porém, isso se dá de maneira isolada e pontual, não reflete, todavia, na forma como a população avalia os indígenas.

Em Dourados, por exemplo, não existem mendigos, nem pedintes. Existem índios. Eles – e principalmente elas - ocupam essa posição em suas charretes cheias de crianças circulando pela cidade em busca de comida, roupas, dinheiro. São também os indígenas que, em sua maioria, guardam carros nas ruas. Eles são os cortadores de cana – muitos em situação de grave exploração. Também são eles que ganham destaque fazendo hip hop; ou nas páginas principais quando o assunto é violência, desnutrição, suicídio.

Não podemos falar de uma identidade indígena em um território que reúne tantas etnias diferentes. Mesmo entre os que estão confinados num mesmo espaço, como é o caso dos

³ Mais do que um pedaço de chão, que um território físico, o Tekoha refere-se à terra tradicional; é o local de pertencimento da cultura guarani. A relação dos indígenas com a terra é a que garante sua sobrevivência já que é ela a responsável por lhes conceder a comida, a água, o local para enterrar seus mortos. O Tekoha abarca relações sociais, de subsistência e espirituais, por isso, a vida dos indígenas está totalmente relacionada à sua terra.

kaiowá, guarani e terena de Dourados – quase 12 mil índios em 3,5 mil hectares –, não existe uma identidade clara que os una, tampouco um sentimento comunitário.

Ao falar sobre “O poder da identidade”, Castells (2003, p. 73) aponta que “as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunitária”. O autor faz a ressalva, porém, da importância de que essas pessoas estejam unidas por mobilizações sociais para que a comunidade se manifeste.

Coloco a hipótese de que, para que isso aconteça, se torna necessário um processo de mobilização social, isto é, as pessoas precisam de participar em movimentos urbanos (não necessariamente revolucionários) pelos quais são definidos e defendidos interesses em comuns, a vida é, de algum modo compartilhada e um novo significado pode ser produzido (CASTELLS, 2003, p. 73).

Não existe uma visão clara de movimento social organizado nas aldeias. No entanto, apesar de herdarem brigas familiares de outras gerações; competirem entre si na busca por empregos e representação (já que os Terena são vistos como mais ‘civilizados’ e inteligentes pelo senso comum) enquanto os Kaiowá são os mais menosprezados; quando a pauta é violência na aldeia ou infraestrutura, as etnias parecem se unir.

Essa criação de uma identidade indígena em Dourados, onde temos maior contato, também vem sendo estimulada com o fortalecimento de grupos de jovens indígenas que trabalham temas como saúde, política, violência, educação e outros por meio da comunicação; mobilização que conta com o apoio da ONG GAPK (Grupo de Apoio aos Povos Kaiowa)⁴.

Também contribuem para a união das sociedades indígenas no MS, as políticas de cotas para indígenas nas universidades e concursos – que não favorecem uma ou outra etnia, mas todas elas - e as ações do NEPPI/UCDB (Núcleo e estudos e pesquisas das populações indígenas) da Universidade Católica Dom Bosco que, embora tenha dois grandes programas de atuação - Programa Kaiowá/Guarani e Programa Terena - abarca todas as sociedades indígenas do estado, unindo-as em eventos, no apoio à permanência estudantil, na divulgação de suas ações etc.

A luta na busca por esse algo em comum tem sido árdua. Para os que estão de fora fica a impressão de que existem duas esferas de luta social e de identidade nas aldeias. Uma que

⁴ Para mais informações sobre essas ações de comunicação popular-alternativa, ver OTRE (2008).

reúne indígenas contra não-indígenas, objetivando o fim do preconceito, das desigualdades de oportunidades e a solução dos seus problemas sociais; outra que marca uma disputa entre as etnias, que tende a se extinguir com o passar das gerações, mas que ainda está presente. Em relação às questões familiares, é possível dizer que os conflitos já não são a grande causa de violência na aldeia, como eram antigamente. Tomaram lugar os conflitos importados da proximidade com as cidades, como a utilização de drogas lícitas e ilícitas, em decorrência, a violência doméstica, as brigas de gangues, assaltos e assassinatos e assim por diante.

Essa relação que mantém em contato não-indígenas e indígenas, embora traga mais prejuízos aos aldeados, não deixa de ser uma relação de trocas culturais inevitável nos dias atuais. Como dizem muitos sul-mato-grossenses, “eles podem até não ter comida, mas têm uma parabólica e um celular”, o que é um fato real. Eles estão conectados com o mundo ao redor e isso não indica necessariamente um problema. Caso fosse, a culpa seria de quem? Não é comum no MS – nem em qualquer outro lugar - ver os “brancos” largando tudo e voltando pra zona rural, pra viver à luz de lampiões, sem geladeira e internet. Por que exigir esta postura então das sociedades indígenas, que estão tão intimamente ligadas à cultura dos não-indígenas?

Por mais que as sociedades indígenas tentem manter vivos alguns pontos de sua tradição, como a língua, a música e o artesanato - e isso os fortaleça como grupo em muitos momentos - , sabemos que aí está um caminho sem volta. A começar pela relação que eles têm com seu tekoha para poderem se enxergar como índios, em suas culturas e significados. Um índio que não tem mata para caçar; não tem rios para pescar, banhar-se e saciar-se; que convive com mais de 50 igrejas (só nas aldeias de Dourados) e, portanto, não baseia suas crenças apenas no poder da casa de reza e em seus curandeiros; que estuda em escolas bilíngues, mas que após a infância perde quase a totalidade do domínio de seus idiomas; viverá como os índios de antigamente de que forma?

Stuart Hall reflete essa dinâmica entre a tradição e tradução. Segundo ele,

Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homj Bhabha) chama de “Tradução” (HALL, 2006, p. 87).

Aí se localizam os indígenas, entre a tradição e a tradução, na busca por reconhecimento como cidadãos antes de tudo, vencendo o fato de fazerem parte da periferia e de comungarem de uma nova forma de vida.

[...] as sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A ideia de que esses são lugares “fechados” – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a “alteridade”: uma “fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como “puros” e de seus lugares exóticos apenas como “intocados”. Entretanto, as evidências estão tendo efeitos em toda a parte, incluindo o Ocidente, e a “periferia” também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual (HALL, 2006, p.81).

Diante de tantas peculiaridades envolvendo as comunidades indígenas do MS, sem contar os inúmeros problemas não citados como as taxas de suicídio e desnutrição infantil, como essas comunidades têm sido representadas nos meios de comunicação de massa do Estado? Qual a representação feita dessas populações? Afinal, essas representações contribuem para a imagem que a sociedade sul-mato-grossense tem dos indígenas? E por fim, qual o papel do jornalista neste processo de representação? Como a parcialidade/imparcialidade jornalística, assim como a política editorial dos veículos pode interferir nessa realidade?

2. REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DOS INDÍGENAS NO MS

Um trabalho de pesquisa desenvolvido por Patrícia Bandeira de Melo, que analisa a representação dos índios de Pernambuco nos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, de julho de 2001 a abril de 2002, demonstrou muita semelhança com o cenário visto no MS. Para a pesquisadora,

[...] índio só entra na pauta da imprensa em questões muito específicas: em primeiro lugar, quando é vítima ou autor de violência; em segundo, quando representa algo exótico ou inusitado, ou seja, no enfoque do inesperado. Questões como saúde, educação, ciência, terra e cultura indígenas não são enfocadas ou são tratadas segundo o senso comum formado sobre o índio, conceitos concebidos a partir da ideologia da classe dominante, no qual vigora um senso comum que reflete o pensamento e as idéias dessa classe dominante (MELO, [s.d], p. 5).

Jornalistas e editores de veículos de comunicação do Estado manifestam a mesma opinião, verbalmente ou não. Recentemente, com o esforço dos cursos de Comunicação

presentes no Estado, vêem-se algumas exceções a essa triste regra. No dia 8 de março de 2011, por exemplo, Dia internacional da mulher, o Jornal *O Progresso*, de Dourados, com circulação estadual, publicou uma matéria falando sobre o protagonismo das mulheres indígenas em iniciativas de formação de cooperativas. Anos antes, em uma dissertação de mestrado, tem-se um trecho de uma entrevista feita com um dos editores do mesmo jornal citado e a resposta para “Quando a mulher indígena é notícia?” foi:

[Quando] existe um fato trágico, porque fatos positivos são raros. Então, ela é notícia quando ela perdeu um filho, ela é notícia quando ela suicidou-se, ela é notícia quando for morta por alguém ou espancada ou assaltada na estrada, tanto ela quanto ele (OTRE, 2008, p. 88-89).

Houve, portanto, uma mudança de postura do jornal que merece ser valorizada. Curiosamente, a jornalista que produziu o texto havia se formado recentemente em jornalismo e trabalhou em sua monografia com a questão indígena⁵. Mais do que coincidência, essa mudança de postura se deve, a meu ver, à ruptura de um olhar preconceituoso e estigmatizado com o qual os indígenas eram vistos. Por meio da educação, a mudança na abordagem do texto se refletiu no jornal, e conseqüentemente, o jornal projeta, socialmente, um novo olhar.

João Freire Filho faz algumas perguntas que merecem ser vistas com atenção. Apesar de ser uma citação longa, ela nos faz refletir sobre as possibilidades de interferência do jornalista no que diz respeito à construção da imagem do indígena socialmente, já que os meios de comunicação são também ferramentas de disseminação de conteúdo simbólico; além de serem muito importantes na construção do que entendemos como a representação do “outro”.

Que atores e instituições sociais são responsáveis pela geração e disseminação massiva das imagens das comunidades minoritárias? Em conjunção com quais fatores políticos e econômicos? Amparados por quais discursos, códigos culturais, convenções genéricas e tecnologias comunicacionais? Visando preferencialmente a que fatia de mercado? Como as representações geradas pela cultura midiática globalizada são assimiladas, negociadas ou resistidas pelas diversas audiências, de acordo com suas distintas “competências de recepção” (Martín-Barbero [1998] 2003)? Em que medida a estigmatização, a folclorização, a exotização afetam a auto-estima de indivíduos e grupos estereotipados, gerando eventuais sentimentos de embaraço e ressentimento em relação à sua identidade social e desejos de refutar sua herança cultural? Qual a influência destas práticas representacionais, por sua vez, sobre as crenças e atitudes da sociedade em geral, no que concerne à pertinência das reivindicações das minorias por liberdade, democracia, justiça social e cidadania? Quais as estratégias mais efetivas para confrontar publicamente as representações *mainstream*

⁵ Valéria Araújo. A representação indígena na mídia on-line: um estudo de caso do site Dourados News, 2008.

perniciosas? Como se vê, são indagações que dizem respeito não só às estruturas e interpelações do conteúdo, mas, também, às lógicas da produção (interesses econômicos, ideologias profissionais, rotinas laborativas, estratégias de comercialização), ao impacto e aos usos sociais das representações midiáticas (FREIRE FILHO, 2005, p. 19-20).

O próprio autor traz também algumas respostas. Segundo ele,

Parte fundamental do processo social de constituição de sentido, as representações são organizadas e reguladas pelos diferentes discursos (legitimados, naturalizados, emergentes ou marginalizados) que circulam, colidem e articulam-se num determinado tempo e lugar. Logo, a construção (ou supressão) de significados, identificações, prazeres e conhecimentos – nos espaços e mercados midiáticos - envolve, necessariamente, a disputa pela hegemonia entre grupos sociais dominantes e subordinados, com conseqüências bastante concretas no tocante à distribuição de riquezas, prestígio e oportunidades de educação, emprego e participação na vida pública (FREIRE FILHO, 2005, p. 21).

Na mesma direção, Melo ([s.d.], p. 1) chama atenção para o fato de que “o discurso midiático – que deveria ser o terreno da crítica à ordem vigente para romper com o consenso que não seja resultado de debate público – se transformou em um reforço da ideologia dominante e, assim, da permanência da exclusão de minorias”.

O uso dos estereótipos e características inculcadas nos sul-mato-grossenses como parte da cultura indígena – como violência doméstica, suicídio, assassinatos - certamente contribuem para uma deformação na representação dessas populações, agravando a exclusão com as quais eles vêm lidando constantemente.

Como práticas significantes, os estereótipos não se limitam, portanto, a identificar categorias gerais de pessoas – contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou sua história. Embora possam variar em termos de virulência e apelo emocional, geralmente representam, expressam tensões e conflitos sociais subjacentes – o “português boçal”; “o irlandês rude”; “o oriental dissimulado”; “o argentino esnobe”; “o imigrante arruaceiro”; “o índio preguiçoso”; “o jovem rebelde sem causa”; “a mulher latina amoral e caliente”; “o negro de índole escrava, humilde e resignado”; “o suburbano farofeiro”; “o homossexual erotomaniaco”; “o artista afeminado”; “o intelectual frankfurtiano elitista e carrancudo”... etc (FREIRE FILHO, 2005, p. 22-23).

De toda forma, falamos aqui da interferência do jornalista como algo que pode ser tanto negativo quanto positivo para a imagem do indígena.

Apesar de apontar essa prevalência do negativo e do discurso dominante (que representa a elite “produtora”) na imprensa do estado, veremos outros exemplos em que um olhar mais sensível do jornalista e talvez uma certa identificação com a causa indígena fizeram a diferença na representação dessas populações.

Em 18 de novembro de 2011, o acampamento Tekoha Guaiviry, em Amambai, foi invadido por pistoleiros fortemente armados, o que culminou, conforme a denúncia por parte dos indígenas, com o assassinato de seu líder, Nísio Gomes.

A área de Guaiviry é uma das que foi incluída nos processos de identificação de terras indígenas iniciados em MS pela Funai em 2008 e o relatório está em fase de conclusão. Os indígenas ocuparam a área onde aconteceu o conflito 15 dias antes do ataque e já vinham recebendo visitas da Funai e da Polícia Federal. Neste contexto trágico, o assunto foi notícia em todo o país e até mesmo pauta internacional como, por exemplo, na BBC⁶.

Curiosamente, na cidade de Aral Moreira, que está mais próxima ao acampamento atacado, o site que representa a mídia local não citou uma só palavra sobre o ataque. Faz parte do processo de deformação na representação dos indígenas o silenciamento, que fere tanto quanto uma informação distorcida.

Acompanhamos as publicações do Aral Moreira News durante sete dias após o ataque e encontramos a publicação de textos que não justificariam a derrubada da pauta sobre o fato, segundo critérios sérios de noticiabilidade. Fica claro, porém, que para o site, se há conflito indígena que envolve os grandes da região, isso é motivo para que não haja divulgação. Dentre os textos publicados na semana subsequente ao ataque estavam: No penúltimo ensaio para o Mundial, Santos 'acha' empate com o Dragão; Resumo da sessão da Câmara de Aral Moreira de 16 de novembro; Garota tenta defender irmão e acaba ferida na vagina; PRE apreende meia tonelada de maconha na MS-386; Prefeitura de Aral Moreira realiza operação tapa-buracos na Rua 31 de março; Estudantes de Aral Moreira é beneficiada com peça Teatral do projeto “Na Ponta da Língua”; Sindicatos rurais passarão a emitir GTA; Escola Estadual realiza a 3ª Olimpíada de Lançamento de Foguetes Caseiros de Aral Moreira; e Polícia Civil prende autor de homicídio em Mundo Novo.

A única matéria que diz respeito a indígenas - Traficantes estariam matando indígenas no PY para usar as terras deles”-, foi na verdade produzida pelo site Dourados News e copiada

⁶ Brazil indigenous Guarani leader Nisio Gomes killed. Acessado em janeiro de 2012. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/news/world-latin-america-15799712>

pelo Aral Moreira News⁷, estando relacionada a uma situação longe da região e que trata dos índios paraguaios em conflitos com traficantes.

Houve um total silêncio em torno do caso. Provavelmente pela proximidade com os fatos e envolvidos o site tenha optado por não noticiá-los para não correr o risco de tomar partido e se indispor com o poder público, com os produtores rurais da região ou com seus anunciantes. A acusação dos indígenas de que foram ameaçados por pessoas “em um carro de chapa branca” provavelmente tenha contado muito também no silenciamento do site.

Dentre as formas descritas pela autora pelas quais esse silêncio se apresenta está o silenciamento ou “a política do silêncio”, uma linha tênue entre o que se diz e o que não se diz, ou melhor *se diz “x” para não se dizer “y”* (*Ibid.*:76). A autora explica que esse “não-dizer” está ligado à determinação histórica e à ideologia. Os mecanismos ideológicos produzem efeitos no campo do imaginário e acabam por gerar uma ilusão de unidade, de discurso consensual (AVELINO; GOMES, 2006, p.3-4).

Por outro lado, alguns sites se dedicaram à cobertura do caso com níveis diferentes de envolvimento. Quanto aos dois de maior prestígio entre os sul-mato-grossenses, - *Midiamax* e *Campo Grande News* – não houve silenciamento do caso. A forma como cada um o tratou, porém, apresenta grandes diferenças. O *Midiamax* publicou 24 textos sobre o assunto na semana seguinte ao ataque, de 18 a 24 de novembro. *Campo Grande News*, 25. O primeiro site, porém, faz uso político do fato, garantindo nas notícias voz ao grupo político com o qual se relaciona, como verificamos nos textos “Vander vai pedir empenho do Ministério da Justiça para apurar morte de indígena” e Banalização da violência contra os índios precisa acabar, diz Tatiana Ujacow. O deputado estadual Pedro Kemp aparece também em outros dois textos organizando ato público contra a violência aos indígenas. Tatiana, filiada atualmente ao PDT, concorreu como vice-governadora do Zeca do PT nas últimas eleições estaduais, Vander Loubet e Pedro Kemp são deputados pelo PT; partido de oposição ao governo atual, administrado por André Puccinelli.

Em um dos textos⁸, publicado no dia 22 de novembro, o jornal fala sobre a atuação do governador no caso e encontra formas de criticá-lo, mesmo que de maneira indireta.

Embora o governador Puccinelli não tenha se manifestado, oficialmente, sobre um dos episódios de maior repercussão no estado que administra, de um jeito ou de outro seu governo tem participação decisiva na elucidação

⁷ Acessado em janeiro de 2012. Disponível em <http://www.noticiasdoms.com/noticia/policial/8,3622,traficantes-estariam-matando-indigenas-no-py-para-usar-as-terras-deles>

⁸ Acessado em janeiro de 2012. Disponível em <http://www.midiamax.com.br/noticias/777029-puccinelli+acompanha+resultados+pericias+caso+cacique+nisio.html>

do caso Nísio. E numa área fundamental para a investigação – a perícia técnica e as análises laboratoriais dos materiais recolhidos na cena do crime. [...]

Naturalmente, ao acompanhar o caso, o secretário mantém informado o seu superior do andamento da perícia e das investigações. É remota a hipótese de Puccinelli não se envolver com o caso, dada a sua **personalidade centralizadora**, ou até mesmo apenas pela sua função de governador do MS [grifos nossos].

Um dia após a publicação deste texto, porém, o site divulgou a notícia “Indígenas temem que Puccinelli interfira no laudo pericial de atentado em Amambai⁹”, deixando claro de que lado estão.

A cobertura feita pelo *Midiamax* quanto ao caso, devido às questões políticas envolvidas, não parece focar numa imagem positiva ou negativa do indígena, mas na relação entre as forças políticas do estado e suas ações com relação aos indígenas. Caberia até colocarmos que esse tipo de cobertura traz danos à representação do indígena, já que estes passam de vítimas ou focos a serem figurante por questões políticas.

No caso do site *Campo Grande News*, algumas surpresas quanto ao que se vê comumente na imprensa. A atuação do site e especialmente da jornalista recém-graduada pela UCDB, Paula Maciulevicius, chamaram a atenção devido ao caráter de humanização dado aos textos. Em suas reportagens, os indígenas ganharam destaque diferenciado e voz, inclusive com títulos, fios e leads de citação; como no texto “Entre desaparecimento e relatos de atentado, a dor da mais velha guarani-kaiowa¹⁰”, publicado em 20 de novembro, dois dias após o sumiço do líder Nísio Gomes.

Fio: “‘Não era assim que acontecia antes, não tinha ameaça, bebida, nunca teve violência. Agora está pior do que antes’, desabafa Eleonora, 105 anos. Ela é avó de Nísio Gomes, o líder indígena desaparecido desde sexta-feira”.

A diferença na escrita e no enfoque do texto chamou-nos a atenção. Principalmente quanto à interferência que o repórter ou veículo podem ter na representação dos atores envolvidos. Neste caso, os indígenas foram mostrados pelo caráter humano de uma família que chora a dor da perda. Essa representação talvez não significasse muito, não fossem as diversas notícias que a imprensa do MS publica de mães indígenas que matam e abandonam seus filhos, de pais indígenas que agridem familiares com facões e tantos outros casos. É normal no discurso do senso comum se ouvir no MS que as mães kaiowa não sentem amor pelos seus filhos. Sempre

⁹ Acessado em janeiro de 2012. Disponível em <http://www.midiamax.com.br/noticias/777130-indigenas+temem+puccinelli+interfira+laudo+pericial+atentado+amambai.html>

¹⁰ Acessado em janeiro de 2012. Disponível em <http://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/entre-relatos-de-atentado-a-dor-da-mais-velha-india-guarani-kaiowa>

se tem um exemplo de um caso bárbaro de agressão para citar. Daí o impacto de um texto que relata a dor de uma avó kaiowa pela perda do neto.

Com mais de um século de vida, foi triste saber da morte do neto nas circunstâncias em que a comunidade relata. Tanto que é a família demorou a contar.

"Antes eu não contei porque ela estava com dor. Quando eu contei ela chorou, disse que queria ver o corpo. Depois achei que tivesse esquecido, mas daí ela comentou com ela que o Nísio tinha ido...", conta a outra neta Regina Lopes, 33 anos.

Por mais que ela não fale o português, entendeu que a equipe ainda falava dos relatos do ataque sofrido. Os olhos da avó de Nísio por um momento viraram tristeza. Quietinha, mexia com as mãos e parecia já não prestar tanta atenção na conversa. O assunto ficou perdido na memória de quem já viveu tanto.

O texto recebeu quatro comentários favoráveis aos indígenas, nenhum contrário. Quanto à utilização das citações dos indígenas, que comovem e humanizam, Patrícia Bandeira de Melo ([s.d], p. 5) aponta que

Normalmente, quando se reproduzem opiniões de outro, faz-se a escolha de palavras para construir o discurso. Embora isso pareça uma atitude ingênua, nunca está livre da carga ideológica de quem faz o texto, uma vez que esta seleção não é aleatória. Segundo Luiz Antônio Marcushi "apresentar ou citar o pensamento de alguém implica, além de uma oferta de informação, também uma certa tomada de posição diante do exposto" E acrescenta: "é muito difícil informar sem manipular, por melhores que sejam as intenções".

No mesmo dia, a jornalista Paula publicara também um texto sobre o "clima" na cidade de Amambai, próxima ao ocorrido. O texto se intitulava "Após morte de líder indígena, clima na cidade é como se nada tivesse acontecido", com o fio "Dois dias após sumiço do líder guarani-kaiowá, população segue na rotina e os comentários, em geral, são de crítica aos índios".

É aí que a jornalista deixa transparecer certo incômodo com a passividade da população quanto ao caso. O conteúdo é objetivo, com várias fontes. Ela não manifesta claramente seu descontentamento, mas o próprio enfoque do texto, incomum para a região, aponta sua perplexidade.

Em entrevista, Paula Maciulevicius contou sobre os sentimentos que a acompanharam durante o processo de produção da matéria¹¹. Ela, campo-grandense, que disse nunca ter tomado muita ciência sobre a questão indígena do estado, conforme relata "era uma questão que não

¹¹ Concedida por e-mail a esta autora no dia 26 de janeiro de 2012.

me saltava aos olhos”, chegou às proximidades do acampamento para cobrir o suposto assassinato, mas não conseguiu adentrar. Conforme contou, ao encontrá-los no meio do caminho, eles não quiseram colaborar como fontes:

Paramos e descemos. Fotógrafo e eu, ele claro sem máquina. E eu apenas com a cabeça aberta e concentrada. Sabia que se ousasse a pegar um papel e uma caneta, eles não falariam mais nada. Fui prestando atenção em tudo, até no modo como eles se olhavam e nos olhavam. Aos poucos eles foram falando, os mais velhos. Era um grupo de uns 10... Estavam tranquilos, até que um mais jovem começou a nos mandar embora. Dizia que a gente não ia ajudar em nada, o que nós poderíamos fazer ali...

Com isso todos pareceram ficar mais arredios. E me disseram que só poderia voltar ali com a PF. Disse que eu queria ajuda, era só para eles me contarem o que aconteceu, não precisava nem entrar. E o que tinha se passado tinha ganhado grande repercussão e eu precisava relatar, ouvir deles. O filho do Nísio não deu às caras. O cerco foi formando e eu comecei a dizer que havia tentado falar com a PF, com a Funai, mas não consegui que ninguém me acompanhasse. Disse nomes de lideranças indígenas e nada ajudou. Fomos embora, eu mais do que frustrada.

Diante da negativa, a jornalista encontrou em Amambai uma notícia. Uma população totalmente alheia ao que se passava.

Ali que a causa me ganhou, se assim posso dizer. Me surpreendi e revoltei. O texto não saía. Era impossível passar para o papel o que eu ouvia. As pessoas dizendo sem vergonha nenhuma, sem pudor, sem respeito que índio era igual animal. E o quanto eles haviam se intrometido na cidade. Que o lugar deles era o mato e bebendo cachaça. Ouvi até um motorista dizer que ele tinha era que atropelar cada índio que vê bêbado caído na rodovia. Isso, claro não foi para o meu texto. Achei humanamente terrível.

A matéria teve de ser toda editada. Ali não tinha como não por opinião, tomar partido. A neutralidade simplesmente foi embora, junto com o amor ao próximo. Foi ouvindo gente que eu vi que o que os indígenas são hoje, fomos nós que o tornamos assim.

Se a matéria que dava voz aos indígenas e à humanidade da avó de Nísio teve quatro comentários, esta teve 53. Ressalto alguns, da forma como foram publicados:

Infelizmente no Brasil existem grupos que só têm direitos, obrigação nenhuma, no caso acima os índios, pois não produzem nada e só sabem reclamar e viver as custas do governo ou seja a nossas custas que pagamos impostos. um exemplo claro foi a raposa serra do sol, os índios q pegaram a terra dos fazendeiros acabaram com td q estava sendo produzido pelos fazendeiros e voltaram pro lixo (SIC)¹².

¹² Comentário postado por Donizete Canale no link <http://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/na-cidade-onde-acampamento-indigena-foi-atacado-e-como-se-nada-tivesse-ocorrido>

No mesmo sentido, outros dois comentários:

Que comoção com o fato a cidade deveria ter???? Realmente os indígenas têm direitos demais e deveres de menos. Exemplos? Aborto é crime, mas para a mulher preta, mulher branca, mulher japonesa... agora a indígena?? Pode fazer quantos quiser porque isso é da cultura dela... Programa de habitação???? Branco, preto tem que comprovar renda e esperar, índio ganha na hora e depois vende a terceiros¹³.

Eu tive um amigo assassinado a sangue frio por um índio q foi adotado pelos pais dele, tudo isso pq meu amigo o repreendeu devido a cachaçada. Eles são arrogantes e brutais. Invadir terra é o q eles sabem fazer melhor, branco pra eles e na machadada, aq em dourados eles mataram um policial e feriram outros num confronto q eles provocaram, o governo federal tem q parar de passar a mão na cabeça deles (SIC)¹⁴.

Vale destacar que alguns tentam defender os indígenas, ou mais que isso, o direito à vida, já que o que estava em questão era um suposto assassinato e não uma avaliação do quão bom ou ruim os indígenas são.

O estarrecedor disto tudo é ver comentários falando de "índios" como se fosse animais, seres de outro planeta, uma coisa que está ali... é claro que a política indigenista é falha, é claro que tem problemas, que mtos indígenas são viciados em álcool, muitos perderam sua referência cultural (não são brancos, mas já não sabem viver como índios), mas no fim de tudo o que aconteceu foi um assassinato!¹⁵

Destaque para o fato de que este teor – bom senso - nos comentários foi exceção. O predominante foi ataque, ofensas e ameaças.

FINALIZANDO A DISCUSSÃO INTERMINÁVEL

Utilizamos o caso do suposto assassinato apenas para exemplificar como a interferência do jornalismo pode se dar em um contexto em que a representação midiática é majoritariamente prejudicial à relação entre brancos e índios. Segundo Melo ([s/d], p. 4), “ao contrário das teses defendidas em manuais de redação na defesa do mito da imparcialidade, verifica-se que o texto jornalístico é pleno em parcialidade: há a presença autoral do jornalista (e toda sua carga ideológica e cultural) e da empresa para qual trabalha”.

¹³ Karla Cavalcante, comentário em <http://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/na-cidade-onde-acampamento-indigena-foi-atacado-e-como-se-nada-tivesse-ocorrido>

¹⁴ Paula Torres comentando em <http://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/na-cidade-onde-acampamento-indigena-foi-atacado-e-como-se-nada-tivesse-ocorrido>

¹⁵ Marcia Scherer comentando em <http://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/na-cidade-onde-acampamento-indigena-foi-atacado-e-como-se-nada-tivesse-ocorrido>

O envolvimento da jornalista com o fato, ato nada condenável devido à humanidade que nos reveste, é condizente com sua escrita. Da mesma forma, a imprensa que usa o argumento da imparcialidade segue fazendo discursos discriminatórios e parciais, contribuindo com a guerra dentro e fora das aldeias e isso em nada contribui. Vê-se constantemente o senso comum presente no discurso midiático, o que segundo Melo, “mesmo mesclado por outros discursos, reforça a ideologia dominante” (MELO, [s/d], p. 2). Em outro trecho a autora traz Sandra Jovchelovitch à discussão, fazendo inserções muito pertinentes.

O jornalismo deseja ser referencial, como se o fato contasse a si mesmo, mas por trás de qualquer dizer há um sujeito – o repórter, o editor, o dono do jornal – embora a imprensa tente apagar esse sujeito, numa estratégia discursiva de legitimar o discurso que prevalece como imparcial, objetivo, mas que subliminarmente é um reforço do senso comum dominante. De acordo com Sandra Jovchelovitch, mesmo que os efeitos da mídia em nossas sociedades sejam enfatizados, "sua tendência para produzir significados e valores hegemônicos não deve ser subestimada" (JOVCHELOVITCH). Para ela, "a mídia é ela mesma um ator chave no exercício do poder, particularmente naquelas sociedades onde a mídia, a indústria e o governo estão nas mãos da mesma família e onde a ausência de uma esfera pública forte impede o escrutínio dos interesses privados que dirigem a indústria das comunicações" (JOVCHELOVITCH apud MELO, [s/d], p. 2-3).

A relação que tecemos neste texto entre representação midiática, identidade indígena e a interferência de jornalistas, não busca execrar alguns profissionais da comunicação, tampouco enaltecer outros. Essa discussão é pertinente pelo fato de trazer às claras a certeza de que o discurso midiático, como produto humano, interfere no que será representado. Embora alguns autores apontem que a representação nunca se dá na emissão, mas na recepção, sabemos que existe um discurso muito forte contra as populações indígenas no estado que deve ser neutralizado.

O objetivo das empresas de comunicação também não deve ser o de decidir os vilões ou os mocinhos da história. Mas nossa ingenuidade também não nos pode levar a crer na neutralidade. Enquanto identificamos um ou dois jornalistas que se dedicaram a olhar os indígenas com outros vieses em seus veículos de comunicação, temos uma rede de comunicação massiva que os discrimina e ressalta conteúdos que têm como critério a negatividade e o trágico. E estes são maioria.

Afinal, nas sociedades democráticas, não é uma ilusão afirmar que é impossível explicar adequadamente as tendências estruturadas da mídia como determinações do Estado [ou dos poderosos] sobre o que publicar ou permitir na televisão. Mas como é que um número tão grande de jornalistas,

que consultam somente sua “liberdade” de publicar e o resto que se dane, tende a reproduzir, tão espontaneamente, explicações de mundo construídas dentro de categorias ideológicas essencialmente idênticas? Como é que estas são conduzidas, continuamente, a um repertório tão limitado dentro do campo ideológico? (HALL, 2006, p. 165).

Este texto busca, de certa forma, chamar a atenção para o fato de que já que existe interferência editorial, é preciso que divulguemos que o jornalismo ainda está longe do ideal, embora trabalhe, principalmente academicamente, definindo estratégias para alcançá-lo. Importante ressaltar que não afirmamos aqui que o que é publicado forma o comportamento da população, como se não houvesse nenhuma atitude por parte do receptor. Porém, concordamos com Prado (2003, p. 3) quando diz que:

A mídia não busca somente informar, mas construir, por meio de várias estratégias comunicativas, mapas cognitivos para seus leitores, orientando-os para a ação e dirigindo suas formas de ler, situando-os performativamente em certas posições de sujeitos enquanto enunciatários. Nessa direção, esse dizer põe para o leitor certos valores, criando um campo em que o enunciatário se estrutura de modos específicos a partir de posições modalizadas de sujeito.

Esta, porém, é outra discussão, que deve ser aprofundada, e garante o caráter interminável deste artigo.

Buscou-se levantar algumas reflexões sobre a hipocrisia que ronda muitos veículos e públicos. Corre-se o risco, no estado, de que o texto que “fala mal” de indígena é imparcial enquanto o que “fala bem” é parcial. Existem muitos pré-conceitos a serem relativizados para a conclusão dessas reflexões.

REFERÊNCIAS

AVELINO, Carmem D.S.H., GOMES, Adriano L. **O silenciamento no texto jornalístico e a construção social da realidade:** Uma análise da cobertura da Segunda Guerra mundial pelo jornal “A República” (Natal/RN-Brasil). Trabalho apresentado na Sessão História da Comunicação/Política do I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, Universidade Federal da Bahia, 2006.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol. 2. Tradução Alexandra Lemos e Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

FREIRE FILHO, João. **Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias.** Revista FAMECOS, nº 28. Porto Alegre, dez/2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** (trad. T. T. da Silva e G. L. Louro). 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MELO, Patrícia Bandeira. **O índio na mídia: discurso e representação social.** [s/d]
Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/indio.pdf>. Acesso em 21 de janeiro de 2012.

OTRE, Maria Alice Campagnoli. **Comunicação Popular-alternativa desenvolvida por jovens indígenas das aldeias do Jaguapiru e Bororó em Dourados / MS.** 2008. 215f.
Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

PRADO, José Luiz A. **O leitor infiel diante dos mapas da mídia semanal performativa.** 2003.